

Uma visão intertextual e interdiscursiva do trem do pantanal

An intertextual and interdiscursive vision of the pantanal train

Arlinda Cantero Dorsa

é Doutora em Língua Portuguesa. PUC-SP. Mestre em Letras e Comunicação. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora Mestrado em Desenvolvimento Local e Graduação. UCDB-MS acdorsa@uol.br

Considerações Iniciais

Tem-se por ponto de partida neste artigo que um dos aspectos culturais do homem sul-mato-grossense decorre do movimento de Ir e Vir presente na miscelânea étnica e cultural que constrói a população do Mato Grosso do Sul, desde a sua origem indígena até hoje com a chegada do capital estrangeiro.

Mato Grosso do Sul foi habitado durante séculos por indígenas e, também, serviu de passagem a espanhóis e paulistas em suas conquistas desbravadoras. A partir do século XIX, gradativamente recebeu sucessivas correntes migratórias externas (libanesas, italianas, portuguesas, sírias, armênias, turcas).

Estas correntes migratórias trouxeram influências decisivas na cultura do então Mato Grosso e de acordo com Sá Rosa (1992, p 15):

tão grande multiplicidade de vozes e de visões ajudou a compor a fisionomia multifacetada em que se reflete, como num espelho, a força da visa sul-mato-grossense, resultado do esforço de uma coletividade, disposta a transformar o mundo à sua maneira.

A partir da Divisão Política do Estado, ocorrida em 1977, percebe-se um movimento para resgatar suas raízes históricas a fim de se caracterizar o sul-mato-grossense como um homem que tem identidade cultural própria.

Essa preocupação se faz presente naquilo que foi vivido e experienciado socialmente no Mato Grosso do Sul de forma a diferenciá-lo no que hoje, politicamente compreende o que é chamado de Mato Grosso.

Na concepção de muitos sul-mato-grossenses, há uma geração que está envelhecendo e desaparecendo; dessa forma é necessário lutar para preservar a sua identidade para as próximas gerações, a fim de manter viva a epopéia vivida em Mato Grosso do Sul.

A capital do Estado, Campo Grande, cresceu em função da ferrovia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, pois foram seus trilhos que trouxeram tantas gerações que hoje constituem na região, uma miscelânea de etnias e culturas.

A história do trem representa a própria história do Estado, pois o trajeto dos trilhos da ferrovia começou a definir as transformações que originaram o progresso de algumas cidades do ainda Mato Grosso. Dentre elas, a capital Campo Grande, pois foram seus trilhos que trouxeram tantas gerações que hoje constituem na região, uma miscelânea de etnias e culturas além de brasileiros de todos os lugares que somados aos imigrantes, antes chegavam pelos portos de Corumbá, cidade pantaneira, cujos rios Paraguai, Paraná e Prata eram o único meio de comunicação.

Os trilhos da antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) mudaram o curso da história e da economia de grande parte das cidades mato-grossenses, exercendo uma força contraditória tanto na fragmentação de alguns latifúndios quanto na formação de outros nas proximidades de cidades exportadoras de gado, pois com eles vieram o progresso, os povos, a economia;

O PERCURSO DO TREM



Fonte: <http://www2.correioweb.com.br/cw/edição20020904/suplug>
Acessado 18/03/2003 Correio Brasiliense 04/09/2002.

O percurso do trem do Pantanal envolvia a Companhia Paulista, pois ele saía de Bauru (SP), passava por Lins e Araçatuba (SP), entrava no então Mato Grosso, denominando-se Ferrovia Noroeste do Brasil; percorria as cidades mato-grossenses de Três Lagoas, Ribas do Rio Pardo, Campo Grande, Aquidauana, adentrava, então, na região pantaneira de Miranda, Porto Esperança e Corumbá.

Com a extinção gradativa do Trem do Pantanal, substituído pela política da rodovia da ditadura militar do Brasil, a característica cultural do conservadorismo regional passa a representar esse trem, como símbolo do Mato Grosso do Sul, de forma a simbolizá-lo por uma semia cultural de liberdade, opção de vida nova, coragem, desbravamento e conquista.

A ferrovia que dominou a cena dos transportes de passageiros até o final dos anos 50, gradativamente foi perdendo terreno para as rodovias que passaram a dominar o transporte de cargas, passageiros e animais, até então feito pelo trem.

A privatização da malha ferroviária ocorreu em março de 1996 até culminar na suspensão do atendimento aos passageiros e logo depois ao transporte de cargas; com relação à presença do trem como ativador do progresso acontecido no Estado, este mesmo progresso acabou se tornando o grande responsável pela sua desativação lenta e gradativa.

Algumas Concepções Teóricas Necessárias

Alguns fundamentos teóricos são essenciais para a análise proposta neste artigo, sendo assim são importantes algumas considerações sobre a análise crítica do discurso, a intertextualidade, o discurso da História e a etnografia histórica.

Com relação à Análise Crítica do Discurso, a vertente sócio-cognitiva, privilegia as ciências cognitivas no eixo da transdisciplinaridade e propõe analisar criticamente o discurso como interação social a partir de intertextualidade como uma dialética entre os eventos discursivos particulares e os discursos públicos e institucionais.

Na inter-relação: Sociedade, Discurso e Cognição, van Dijk (2000) enfatiza as noções de memória social e individual, de discurso como ação e interação, de contexto global e local e de papéis sociais.

Dessa forma, van Dijk (1997) distingue o contexto local ou interacional e o contexto global ou social. No contexto local, os atores interpretam seus papéis de acordo com a contemporaneidade da situação discursiva e no contexto global como

esquema mental propicia que os atores diferenciem as práticas discursivas entre si, tanto como institucionais quanto como eventos discursivos particulares.

O texto de acordo com Kristeva (1981) é fruto de uma intertextualidade, sendo assim a autora argumenta que há uma permutação, absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos que se estabelecem como uma rede de conexões internas e externas.

Já Maingueneau (1989) trata dos intertextos, estendendo-os ao discurso, como interdiscursos em uma heterogeneidade discursiva que também é constitutiva ou mostrada e delimitada pelos campos e espaços discursivos que estão em interdiscursividade no universo do discurso.

Ao se referir ao discurso da História, Goldman (1989) afirma que o historiador, como construtor textual, ao examinar os documentos existentes não se preocupa com a reconstituição dos fatos acontecidos, mas sim com as próprias versões que ele, como historiador pode reconstruir tornando-o um fato histórico.

Hobsbawn (1998, p.22) já afirma que:

Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.

Nesse sentido, pode-se dizer que a povoação do Pantanal do Sul de Mato Grosso, pelo discurso da História, assume um papel fundamental na construção, para seu público, das representações mentais avaliativas dos fatos passados nessa região.

Lévi-Strauss, (1972) propôs uma tentativa de universalização dos termos etnologia e etnografia. A etnologia corresponde aos primeiros passos de uma pesquisa por se referir à observação, descrição e trabalho de campo; já a etnografia refere-se à síntese pois tende para conclusões suficientemente extensas que podem ser trabalhadas em três direções: Geográfica – visando à integração de grupos vizinhos, Histórica – quando se visa reconstruir o passado de uma ou várias populações e Sistemática, enfim quando se isola, para lhe dar uma atenção particular a um determinado tipo de técnica, de costume ou de instituição e a antropologia.

O Intertexto Trem do Pantanal como a Música Símbolo do Estado de Mato Grosso do Sul

A letra Trem do Pantanal foi selecionada como símbolo de Mato Grosso do Sul após ter sido premiada em um concurso realizado pela Televisão Morena, filiada à Rede Globo, em momentos seguidos à Divisão do Estado, ocorrida em 11/10/1977.

O intertexto Trem do Pantanal foi composto por Geraldo Roca e Paulo Simões em plena época de contradições na concepção dos jovens da década de 70.

De um lado, a ditadura militar, ou seja, o governo de revolução de 64 que é representado em língua pela palavra guerra e do outro, pela forma de viver e conceber o mundo na concepção de paz e amor, típico do movimento hippie e que é expressado em língua pelas palavras “trem do pantanal”, pois a viagem assume a representação de espaço para respirar, pensar, descobrir a própria identidade.

Trem do Pantanal

(Geraldo Roca e Paulo Simões)

Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
As estrelas do Cruzeiro
Fazem um sinal
De que esse é o melhor caminho
Pra quem é como eu
Mais um fugitivo da guerra.
Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
O povo lá em casa espera

Que eu mande um postal
Dizendo que eu estou muito bem
E vivo
Rumo a Santa Cruz de la Sierra
Enquanto esse velho trem
Atravessa o Pantanal
Só meu coração está
Batendo desigual
Ele agora sabe que o medo
Viaja também
Sobre todos os trilhos da Terra
Rumo a Santa Cruz de la Sierra
Sobre todos os trilhos da Terra.

A análise realizada com este texto propiciou a obtenção de alguns resultados:

Em busca das tradições locais - alguns jovens politizados cruzaram a fronteira com a Bolívia conforme o que o texto traz representado em língua. Porém este mesmo texto representa a saída para a Bolívia, com objetivo de jovens aventureiros que queriam conhecer o Peru e que cruzavam constantemente os trilhos pantaneiros saindo de São Paulo com destino a Corumbá e conseqüentemente Bolívia e depois Matchu Pitchu (Cuzco-Peru).

Essa representação não tem tradição na cultura local pois aqueles jovens que saíram pela fronteira da Bolívia para fugir da ditadura militar brasileira foram em busca da liberdade, mas esta representação não tem relação com as tradições culturais locais na medida em que elas implicam o Ir e o Vir.

Simultaneamente, trouxe todos os povos da terra que metaforicamente representa a multifacetada sócio-culturalidade que constituiu o povo da terra, ou seja, o sentido mais global : o Pantanal é a zona da Travessia que significava para uns, esconderijo, para outros, mudança de vida ou simples lazer.

Os autores do “Trem do Pantanal” representam no texto umas circunstâncias explícitas em relação às implícitas: Na 1ª estrofe, o trem transporta fugitivos da guerra; na 2ª estrofe, a expressão lingüística postal é o código de comunicação entre o fugitivo da revolução e a família que ficou em uma região do Brasil e na 3ª estrofe, retorna à expressão fugitivo da guerra, com uma informação nova que mostra o seu estado emocional representado pelo segmento lingüístico medo, retomado pela expressão meu coração batendo desigual na travessia pantaneira.

Assim o trem do Pantanal possui três grupos sociais com diferentes focalizações: para o grupo social 1 (nativos sul-mato-grossenses) é focalizado como desbravador de extensa região geográfica que causou o nascimento de cidades, o desenvolvimento do comércio, o transporte leve e pesado entre outros; por essa razão é avaliado positivamente enquanto elemento propiciador das raízes culturais da região. Para o grupo social 2 (empreendedores econômicos estrangeiros e nacionais, assim como políticos), é focalizado em uma ótica de obtenção de lucros, às vezes sem nenhuma preocupação nem cultural nem ambiental. O investimento volta-se para a área turística, de pesquisas ou para a implantação de indústrias que poderão ocasionar sérios danos ambientais. Para o grupo social 3 (traficantes de drogas) é focalizado como transporte mafioso e ilícito, mas que propicia lucros.

O Trem do Pantanal e os Intertextos de Letras Musicais

É necessário considerar o contexto que as letras musicais se inserem nesta breve análise, como os atos definidores da ação e interação, pois o discurso manifesta, expressa ou modela as múltiplas propriedades relevantes da situação sócio cultural, denominada contexto.

A palavra trem traz como referente o local do movimento do IR e Vir, ou seja, a região sul-mato-grossense e o Pantanal que aparecem intertextualizados pelos historiadores em diferentes visões: o pantanal geográfico-histórico; o homem pantaneiro, seus hábitos, crenças e costumes; o boiadeiro-pantaneiro, as comitivas e a mulher pantaneira.

Este intertexto expande a expressão trem presente no intertexto Trem do Pantanal e remete ao intertexto Rio dos Tuiuiús.

**Rio dos Tuiuiús
(Boaventura)**

Em Corumbá
Em Ponta Porá
Em Pero Juan
Nas avenidas
De Campo Grande
É o som das águas
Das cordas
Algo mágico
Pedra azul
Magnífico paraíso de todas as nações
No Centro Oeste da América do Sul.
Em Bonito
Em Três Lagoas
Em Coxim
Em Rio Verde
Em Dourados

Tanto peixe assim
Sob as araras
E as capivaras
Descendo o rio dos tuiuiús
Eh Eh Eh Eh
Quando o trem chegar a Aquidauana
Cruzando noites
E sonhos na escuridão
O silêncio de uma procissão
Mostra os caminhos
E as lendas do Pantanal
É um tempo bem mais que verdadeiro
Algo que deixa a gente sem falar direito
Imagens que iluminam nossa memória
Pra contar e relembrar nossa história

O referente do texto é a viagem pelo Pantanal e a sua focalização é voltada ao mapeamento mental da região sul-mato-grossense observado nas designações referentes às cidades de Mato Grosso do Sul, no movimento de Ir e Vir daquele que vem ao Pantanal e dali não quer sair.

As expressões lingüísticas presentes no intertexto envolvem:

- cidades de Mato Grosso do Sul: Corumbá, Ponta Porã, Campo Grande, Bonito, Três Lagoas, Coxim, Rio Verde, Dourados e Aquidauana; som: águas, cordas; fauna: peixes, araras, capivaras, tuiuiú; crenças: lendas do Pantanal, memória, história.

O título traz explicitado o nome da ave símbolo do Pantanal: Tuiuiú e implicitamente se refere ao Rio Paraguai, ambientado na região pantaneira e

local predileto das aves que habitam o Pantanal. O segmento lingüístico lendas do Pantanal, refere-se às histórias contadas pelo povo da região e se baseia na realidade do cotidiano pantaneiro, onde as lendas têm como representação os animais, a flora e as figuras folclóricas perpetuadas na memória do povo.

O intertexto Pelo Rádio traz em sua intertextualidade com os demais textos analisados, o movimento do Ir e Vir do boiadeiro pantaneiro aliado ao sentimento de obrigações cumpridas e saudade da mulher amada.

Pelo Rádio
(Celito e Geraldo Espíndola)

A boiada ficou na estação
Eu parti
Já tem mais de um verão.
Meu cavalo nesta lida acostumou
Há tanto tempo que o tempo nem notou
Pelo rádio mandei avisar

Tô voltando prá te encontrar
Eu bem sei que você se apaixonou
Não duvidei coração não se enganou
Saudade é que me faz regressar
Cruzar o chão sob as luzes do luar
Pedindo prá uma estrela me guiar
Ouvir o som de um berrante a me chamar
A me chamar.

Remete-se ao texto base Trem do Pantanal a partir dos segmentos lingüísticos que retomam o espírito de mobilidade e liberdade, presentes no movimento do Ir e Vir: cavalo, rádio, estação, luzes do luar, saudades, estrelas guiar, berrante.

Algumas designações presentes neste intertexto possuem no Pantanal uma significação diversa a partir do momento que incorporadas ao marco de cognição social do pantaneiro são marcas de sua identidade:

- Cavalo: No sentido do dicionário, vem do (lat. Caballu), mamífero perissodátilo, unglado de pernas longas, no pantanal, o cavalo é o símbolo da aspiração de liberdade, de mobilidade, considerado o condutor de caminhos, ensina o pantaneiro a ampliar seus horizontes.

-Lida: No sentido do dicionário, significa a ação de lidar, faina, lide e na linguagem pantaneira, a expressão extrapola a significação e associa-se de forma contundente ao prazer do trabalho no campo, às surpresas que surgem a cada momento, à ausência de rotina.

-Rádio: No sentido do dicionário, significa radiodifusão, qualquer transmissão que utiliza ondas de rádio e na pantaneira, é o instrumento eficiente

de comunicação de fazenda para fazenda, da sede da fazenda com a cidade, além de representar as estações de rádio existentes nas regiões pantaneiras com programações específicas dirigidas às fazendas, excelente meio de comunicação que faz parte da cultura pantaneira; hoje mesmo com o advento da internet e celular representam o elo de comunicação da região pantaneira.

-Berrante: No sentido do dicionário, significa aquele que berra, diz-se das cores muito intensas e na linguagem pantaneira, o berrante é o instrumento indispensável para ser pelo ponteiro da comitiva para guiar o gado.

No intertexto Pelo Rádio, a expressão mais freqüente é saudade representada com os seguintes valores: positivos (+) ao associar sentimento amoroso, retorno à terra, passado, possibilidade de contato com a natureza e negativos (-) ao associar à lida pantaneira que muitas vezes lhe impede o contato com a mulher amada.

A partir do intertexto Trem do Pantanal já apresentados, foram selecionados segmentos lingüísticos que orientaram a seleção de textos no Discurso da História, encontrados em:

A estrada de ferro Noroeste do Brasil causou na verdade, vigoroso impacto na região Sul e fronteira mato-grossense, propiciando crescimento demográfico e um movimento mais intenso de ocupação de seus espaços vazios.

Duas características fundamentais marcaram a região sul de Mato Grosso, a partir desse processo de transformações: primeiro, uma efetiva e maior articulação econômica através do setor pecuarista com o Leste do país, reduzindo de forma gradual as relações e a influência refletida pela região platina, sobretudo de dos intercâmbios com o Paraguai. Segundo, o início de um processo de nacionalização da fronteira paraguaia de Mato Grosso, não apenas com a chegada da ferrovia até as margens do Rio Paraguai, mas também a partir de políticas de colonização e desenvolvimento regional implementado pelo Estado, culminando, em nível nacional com a Marcha para o Oeste na era de Vargas. Corrêa (1999 p. 50 –161)

Este intertexto selecionado da obra “História e Fronteiras: o sul de Mato Grosso 1870-1920” tem por referente a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil expandida nas demais expressões selecionadas do intertexto: estrada de ferro, impacto, articulação econômica, nacionalização da fronteira paraguaia de Mato Grosso, política de colonização e desenvolvimento regionais, Marcha para Oeste, que explicitam a importância da estrada de ferro como agente ativo da dinamização sócio-econômica de Mato Grosso do Sul.

O segmento lingüístico Marcha para Oeste, evidencia a política expansionista do Presidente Vargas, sendo assim, em 13 de setembro de 1943, cria-se o Território Federal de Ponta Porã, hoje cidade incorporada ao Mato Grosso do Sul e em 28 de outubro do mesmo ano, a Colônia Federal Agrícola de Dourados, ato este de grande importância para a região sul do Estado. O Presidente Vargas justifica esta atitude afirmando a necessidade de se crescer dentro dos limites territoriais econômicos e políticos.

Constrói-se neste período, o ramal ligando Campo Grande e Ponta Porã pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil até a fronteira paraguaia, obra esta concluída no governo de Eurico Dutra. Este intertexto expande-se no intertexto de Weingartner (1995), quando a autora refere-se à presença da estrada de ferro como responsável pelo fenômeno de sementeira de cidades.

[..] Segundo Weingartner, com o advento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ocorre o fenômeno de “semeadura de cidades”, pois ao integrar Mato Grosso à comunidade nacional, a ferrovia ajuda a construir cidades ao longo dos trilhos, transformando estações em grandes centros urbanos; pela extensão e povoamento de pastagens.

[..] Pessoas de naturalidade diversa, migrantes internos e externos como cuiabanos, mineiros, paulistas e gaúchos atraídos pela fertilidade da terra e pela grande quantidade de gado bravo dos Campos de Vacaria, vêm em busca da prosperidade e se fixam na região, dando origem às vilas e às cidades.

[..] serve de elo amenizador atraindo para suas margens fazendeiros que visam ficar próximos ao local de embarque do seu gado. E os conflitos de terras, provocados pela presença da ferrovia contribuem para adensar o movimento divisionista, não apenas nos ervais e campos de Vacaria, mas nas cidades, por causa do constante afluxo de migrantes e também pela proximidade entre o sul de Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. (1995, p. 36)

Traz, portanto, como referente o trem focalizado no seu papel de agente transformador. Os segmentos lingüísticos selecionados foram: sementeira das cidades, pessoas de naturalidades diversas, economia sul-mato-grossense, força contraditória, fragmentação latifúndios, elo amenizador.

Esse fenômeno de sementeira de cidades é avaliado de forma positiva (+), por: colaborar efetivamente ao longo dos trilhos na construção de povoados, hoje cidades; transformar estações em centros urbanos; atrair pela fertilidade da terra pessoas de naturalidades diversas; dinamizar a economia sul-mato-grossense e principalmente por transformar o sul do MS, em principal zona arrecadadora do estado.

Por outro lado, o segmento lingüístico “força contraditória” é avaliado de forma (-) por representar: a fragmentação de latifúndios e a formação de outros ao longo dos trilhos; por acentuar os conflitos fundiários nos ervais e nos campos de Vacaria.

É importante acentuar que de acordo com a autora, a ferrovia serviu em meios aos conflitos de terras existentes para acentuar a luta pelo Movimento Divisionista, fato este acontecido somente em 11 de outubro de 1977, quando Mato Grosso e Mato Grosso do Sul se separaram formando dois estados.

Traz o intertexto como referente, o avanço da ferrovia no MS, focalizado como elemento responsável pela miscigenação cultural, racial e econômica ocorrida no Estado além de explicitar a multiculturalidade presente nos povos de diferentes regiões do mundo que contribuíram para a formação sócio-econômico e étnica do MS: expressos pelos segmentos lingüísticos: portugueses, japoneses, espanhóis e italianos, operários empregados na construção da ferrovia, que concluídos os trabalhos, deixaram-se ficar nos povoados.

O segmento selecionado do intertexto de Nogueira (2002), Pantanal: homem e cultura traz como referente a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil focalizada no seu papel importante como percurso histórico-cultural da região do sul de Mato Grosso assim como nas conseqüências advindas de sua extinção.

Mesmo diante da importância das vias fluviais não se pode ignorar a relevância das vias terrestres, notadamente a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, 10ª Divisão Noroeste (Bauri /Corumbá) por onde circulou, até a pouco tempo, o trem do pantanal, também chamado de trem da morte. Razões político-econômicas, alheias aos interesses e necessidades regionais, determinaram a extinção das linhas diárias dos trens de passageiros, por isso, atualmente, só os trens de carga cortam a paisagem sul-mato-grossense, empobrecida. Bastaram poucas horas de discussões para interromper o percurso histórico-cultural de um meio de transporte que garantiu a segurança nacional, afugentando os investidores estrangeiros, que já se haviam apossado de muitos hectares de terras; que consolidou as linhas de fronteiras e, sobretudo, contribuiu para a fixação de povoado a ao longo de suas linhas, tendo alguns deles se transformado em cidades, outros em importantes distritos, hoje em decadência. a volta dos trens, reintegrando-os à paisagem pantaneira, diariamente. (2002, p. 58-59)

Os segmentos lingüísticos selecionados do intertexto foram: trem do pantanal, trem da morte, extinção, interromper o percurso histórico-cultural., garantiu a segurança nacional.

O segmento lingüístico trem da morte pode ser explicitado como a viagem realizada a partir da chegada a Corumbá (MS), entre Porto Suarez (fronteira Brasil) e Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), trecho este percorrido de trem e incluído por aqueles que se aventuravam até Machupichu (Peru) e que dispunham de no mínimo 20 dias para viajar, que tinham muita disposição, espírito aventureiro e pouca condição para gastar.

Este percurso de trem foi construído na década de 50 e dispunha de 1200km e seu apelido surgiu ao longo dos anos pelas histórias contadas e muitas vezes aumentadas por todos aqueles que fizeram o seu percurso através da Bolívia.

Entre as versões mais conhecidas, há o referente aos inúmeros assaltos e brigas acontecidos em seus vagões e envolvendo seus passageiros, principalmente na década de 70/80; outra versão é motivada pelo fato que há algum tempo, o povo boliviano foi acometido por uma epidemia de febre amarela e o trem foi utilizado como transporte de doentes.

Na década de 90, o trem neste percurso, era conhecido também como o trem do pó por servir como meio de transporte de inúmeros traficantes que levavam a cocaína produzida na Bolívia até a fronteira com o Brasil para ser enviada à Europa.

Neste contexto, o segmento lingüístico trem é avaliado como negativo (-) por representar perigo, insegurança e desafio em enfrentar a sua travessia, percurso até hoje utilizado a partir de Porto Suarez (fronteira com Corumbá) aos aventureiros que desejam chegar em Machupichu.

Outro segmento lingüístico que é avaliado de forma negativa (-) é extinção por representar o fim das linhas de trem e mostrar o perverso quadro da privatização no Brasil e o gradativo sucateamento de todo um patrimônio histórico tão significativo para o povo de Mato Grosso do Sul.

Considerações Finais

Ao término deste artigo, faz-se necessário revisar os objetivos que o orientaram a contribuir com os estudos discursivos na análise do texto “Trem do Pantanal” e dos demais intertextos analisados.

Como a vertente sócio-cognitiva da ACD demonstrou ser adequada para tratar de conhecimentos ideológicos sociais, fundamentou-se nela para abordar a cultura na medida em que esta se define por crenças, condutas e tradições

enquanto formas avaliativas sociais de significação dinâmica do mundo. Ao situá-la na inter-relação das categorias Sociedade, Discurso e Cognição, a cultura pode ser analisada como um conjunto de valores, hábitos e normas que guiam socialmente as pessoas a se relacionarem com o mundo.

A busca dos intertextos e interdiscursos teve por critério a progressão semântica dos temas musicais, de forma a propiciar o diálogo entre conhecimentos ideológicos e culturais, pois entende-se que a linha divisória entre cultura e ideologia pode ser traçada em cada contemporaneidade, porém, no que se refere às raízes históricas essa divisória é fluida.

Nesse sentido, a cultura sul-mato-grossense torna-se bastante complexa ao ser analisada, uma vez que há diversidade de fatores, que tipificam distinções das influências migratórias internas e externas, das diferenças regionais, sociais e étnicas, que resultam na formação de um povo com características específicas.

Em síntese, os intertextos analisados acima, trazem representados em língua valores e crenças genéricas presentes nos sul-mato-grossenses com relação ao papel do trem no Estado desde a sua inauguração à sua extinção. Demonstraram que o Trem do Pantanal de forma positiva foi de grande relevância para o desenvolvimento da região ao: garantir a segurança nacional; ao afugentar estrangeiros que já se haviam apossado de muitos hectares de terra; ao incentivar os investidores brasileiros a adquirir extensas áreas para instalação de fazendas e contribuir de forma efetiva na fixação de povoado e no crescimento demográfico assim como na formação de cidades ao longo dos trilhos

Com relação ao Governo Federal no início do século, serviu para que as autoridades pudessem vigiar fronteiras e estabelecer objetivos estratégicos e econômicos além de ser responsável pelo escoamento dos produtos da região e pelo transporte de produtos industrializados importados ao ligar o interior ao porto de Santos mantendo estreita ligação com o mercado paulista.

Com relação ao nosso estado, introduziu novos pontos finais para as comitivas, encurtando trajetos para a venda do gado além de simbolizar uma fase histórica ligada à própria formação do estado do Mato Grosso do Sul.

Resumo: Este trabalho é parte da tese de doutorado intitulada: Linguagem e Discurso nas crenças culturais sul-pantaneiras e a autora é ligada ao Mestrado e Desenvolvimento Local que tem como linha de pesquisa: O Sagrado e o Místico da fé no contexto de Territorialidade. Fundamenta-se na vertente sócio-cognitiva, proposta por Van Dijk (1988) procurando estabelecer uma inter-relação entre as estruturas discursivas, os contextos locais, sociais e globais e as representações mentais socialmente adquiridas. Objetiva contribuir com os estudos discursivos da cultura brasileira e examinar por meio de expressões verbais presentes em textos lingüísticos, letras musicais sul-pantaneiras a partir de um texto-base "Trem do Pantanal" e pela inserção de intertextos e interdiscursos. Os resultados obtidos das análises indicam que os intertextos musicais mostram-se adequados para o tratamento dos valores culturais regionais assim como os intertextos de História e Etnografia.

Palavras-chave: Análise do discurso. Estrutura do Discurso. Cultura. Intertextos.

Abstract: This work is part of the doctoral thesis entitled: Speech Language and cultural beliefs in South Pantanal and the author is linked to the Master and Local Development whose line of research: The Sacred and the mystical faith in the context of territoriality. It is based on the present socio-cognitive, proposed by Van Dijk (1988) seeking to establish an inter-relationship between discursive structures, the local, social and global mental representations socially acquired. Aims to contribute to discourse studies of Brazilian culture and examined by means of verbal expressions present in linguistic texts, music lyrics South Pantanal from a text-based "Trem do Pantanal" and inserting intertexts and interdiscourse. The results of the analysis indicate that the intertexts music prove to be adequate for the treatment of regional cultural values as well as the intertexts of History and Ethnography.

Keywords: Discourse analysis. Discursive structures. Culture. Intertexts.

Referências

- BARROS, Abílio Leite. Gente Pantaneira. Rio de Janeiro. Lacerda Editores, 1998.
- CORRÊA L. S. História e fronteira: o Sul de Mato Grosso. Campo Grande: UCDB, 1999.
- GOLDMAN, N. El Discurso como objeto de la História. Argentin: Hachette, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. Sobre História. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOUAIS, Português no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- KRISTEVA, J. El Texto de la Novela. Barcelona: Lumen, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.
- MAINGUENEAU, D. Novas Tendências em Análises do Discurso. Campinas: Pontes, 1989.
- NOGUEIRA Albana Xavier. Pantanal: homem e cultura. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.
- RODRIGUES, J. B. História de Mato Grosso do Sul. São Paulo: Editora do Escritor, 1993.
- SÁ ROSA, M. da Glória, DUNCAN I, Maria Menegazzo, I. Memórias da Arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida. Campo Grande: UFMS-1983.
- SANCHEZ, A. M. El relato de los hechos. Argentina: Beatriz Viterbo, 1992.

SILVEIRA, R.C.P. Identidade cultural do brasileiro a partir de crônicas nacionais. In: Norimar Júdice (org) Português: Língua estrangeira-leitura produção e avaliação de textos. Niterói, Intertexto, 2000.

VAN DIJK, T A. Discourse as Social Interaction. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction. Vol.2, London: Sage Publications, 1997.

_____. El discurso como interacción social-estudios del discurso: introducción multidisciplinaria. trad. Española, Barcelona: Gedisa, 2000.

WEINGARTNER Alisolete dos Santos de. Movimento Divisionista no Mato Grosso do Sul Porto Alegre: Edições Est, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1972). Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

TONELLI, N. C. Brasil, Paraguai, Bolívia: encruzilhada cultural no Estado de Mato Grosso do Sul. Revista Arca, nº 10. Campo Grande, MS, 2000.

Referências CD

BOAVENTURA, J. Rio dos Tuiuiús. Intérprete: Boaventura. In: Bles e Sonhos no Rio dos Tuiuiús. Manaus. Lei de Incentivo à Cultura. 2002. Faixa 16.

ESPINDOLA, Celito, ESPINDOLA. Geraldo. Pelo Rádio. Intérprete: Celito Espíndola. In: Celito Espíndola. Manaus. Paraboxx Musical. 1996. Faixa 3.

ROCA, G. R. & SIMÕES, P. Trem do Pantanal. Intérprete: Almir Sater. In: Pantanal 2000. Ceará, Sauá, 2000. Faixa 1.

Recebido em setembro de 2009

Aprovado em outubro de 2009